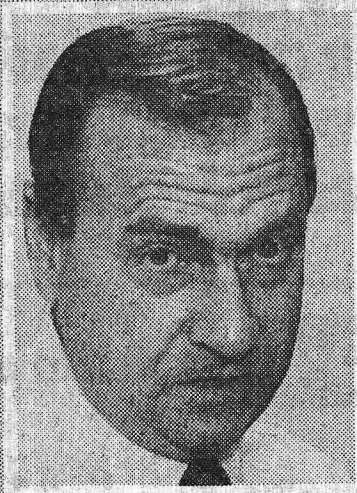


Marcílio não dá declarações, é 'low profile', ainda não disse a que veio



Houve uma mudança política importantíssima na administração do poder. Temos, agora, uma espécie de *T-bone steak*, com o contrafilé, o filé mignon e o osso no meio. Do lado do contrafilé, está a classe política, o Congresso Nacional e o governador Leonel Brizola, que atua de forma muito competente. O filé mignon ficou com o Banco Econômico (seus diretores ocupam as presidências do Banco do Nordeste, do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal), o Antônio Carlos Magalhães, o irmão do presidente da República e o próprio presidente Collor. Os governadores deveriam ter ciúmes do filé mignon, e não do governador Brizola, que tenta resolver os problemas de conjuntura de seu estado.

A equipe econômica anterior possuía o osso, o contrafilé e o filé mignon. Esse *T-bone* foi redistribuído. Antes, o presidente do Banco do Brasil trabalhava a quatro mãos com a Zélia e ninguém tinha acesso ao banco. Agora vão ter. Já se sabe também que o nosso querido ministro da Infra-Estrutura não tem poder político para evitar que a área dele seja repartida. Mas o que nos interessa é o osso, sem dúvida, muito complicado. Em primeiro lugar, porque a nova equipe econômica não dá sinal de nada. Graças a Deus, a política de choques vai terminar. Mas isso não quer dizer que nova equipe não deva fazer nada. Eles têm que, no mínimo, operar os instrumentos clássicos de política econômica.

Em suas primeiras entrevistas, Roberto Macedo reconheceu que não existe equilíbrio nas contas públicas. Disse que há um déficit público significativo, mas explicou que precisa de tempo para definir o *quantum*. Também não há Banco Central. Antes, o Ibrahim fazia a operação da política econômica e operava o Banco Central como corretora,

chamando o mercado para a especulação. Ele não executava uma política monetária, mas tinha a armação pragmática no dia-a-dia do mercado financeiro. Talvez o Gros não tenha o expediente e a competência do Ibrahim, talvez tudo fique mais comedido no Ministério da Economia, o certo é que não vejo sinal de uma Banco Central ativo nos próximos meses.

Uma outra questão é a tendência da conjuntura. Nenhuma empresa com preços defasados está vendendo à vista. Só vendem a 30 ou 60 dias de prazo, e com juros de 25% a 30% por 30 dias. Com a TR no nível de 8% a 9%, temos uma inflação reprimida na casa de 20%. E, quanto mais próximos estivermos de setembro, maior será o risco de esta conjuntura sair de controle. Todo mundo acha que a liberação dos cruzados novos vai produzir um desequilíbrio no mercado. Se todo mundo pensa assim, o desequilíbrio será produzido. Essa é uma equação resolvida. A inflação se acelera e vai para um nível de 15% entre julho e agosto.

Como a economia imediatamente se reindexa, independente da vontade do governo, vamos ter uma conjuntura de grande turbulência entre os meses de agosto e setembro. E não estou vendo a nova equipe econômica dizer a que veio diante dessa conjuntura. Não estão fazendo rigorosamente nada. Três semanas depois, eu gostaria que o governo dissesse o que vai fazer com o déficit público e a política monetária.

O ministro Marcílio é *low profile*, está bem. Mas é baixo demais, não dá declarações e ninguém sabe o que ele pensa. Estou muito preocupado com o que possa vir aí pela frente. Não espero desta equipe econômica extravagâncias como as da equipe anterior. Mas, sim, que faça política fiscal e monetária. Por enquanto, seu estilo é vazio.